



Configuração social da célula básica para exploração ilegal de ouro nas frentes de garimpagem da Terra Indígena Yanomami

Rodrigo Pereira Chagas

Sociólogo, professor no Curso de Ciências Sociais e membro da Pós-graduação Interdisciplinar Sociedade e Fronteiras (PPGSOF) na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

<https://orcid.org/0000-0003-3288-9046>

<http://lattes.cnpq.br/8172060054157183>

rodrigo.chagas@ufrr.br

Ernilo Crispim da Costa

Sociólogo, mestrando no Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar Sociedade e Fronteiras (PPGSOF) na Universidade Federal de Roraima (UFRR).

<https://orcid.org/0009-0005-5106-2003>

<http://lattes.cnpq.br/4645752418467856>

ernildocosta26@hotmail.com

Resumo

Este artigo apresenta a configuração social da célula básica de exploração ilegal de ouro aluvionar na Terra Indígena Yanomami. A partir das noções de configuração social de Norbert Elias e de campo social desenvolvida por Pierre Bourdieu, buscou-se criar uma ferramenta heurística que possa auxiliar na interpretação do fenômeno das frentes de garimpagem ilegais na Amazônia. Para isso, conduzimos práticas etnográficas e entrevistas abertas e semiestruturadas com agentes das frentes garimpagem ilegal.

Palavras-chave

Garimpagem ilegal. Terra Indígena Yanomami. Campo social da mineração. Amazônia.

Social configuration of the basic cell for illegal gold mining in the Yanomami Indigenous Land's mining fronts

Abstract

This article presents the social configuration of the basic cell of illegal alluvial gold mining in the Yanomami Indigenous Land. Drawing on Norbert Elias's proposals regarding configuration and Pierre Bourdieu's notion of social field, we sought to create a heuristic tool to aid in interpreting the phenomenon of illegal mining fronts in the Amazon. To do so, we conducted ethnographic practices and open, semi-structured interviews with agents of illegal mining operations.

Keywords

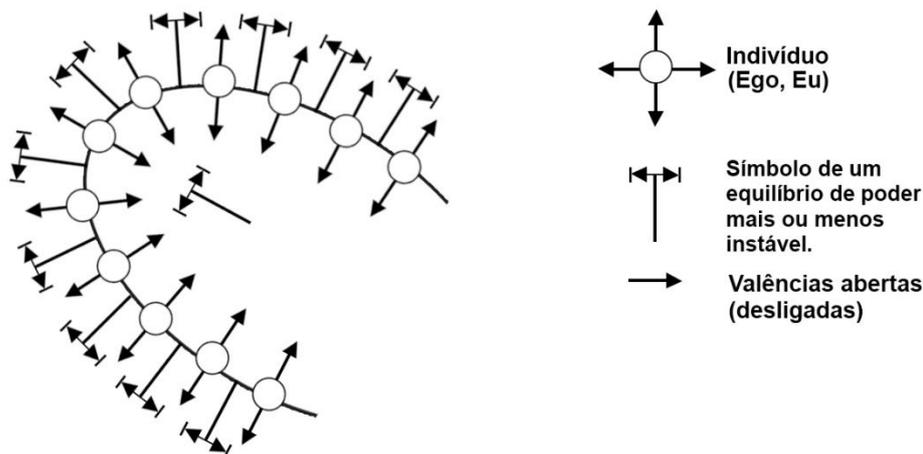
Illegal mining. Yanomami Indigenous Land. Mining social field. Amazon.

1. Introdução

Este artigo apresenta a configuração social da célula básica para extração de ouro na Terra Indígena Yanomami (TIY). Trata-se de um exercício heurístico que pode ser útil como referência para a análise de frentes ilegais de garimpagem em diversas regiões da Amazônia em que incide esta modalidade de mineração aluvionar (ou de baixão). Os estudos desenvolvidos compõem o projeto de pesquisa “*Crime organizado*” e *transformação social em Roraima*, realizado junto ao Programa Interdisciplinar de Pós-Graduação Sociedade e Fronteiras (PPGSOF).

Teoricamente, partimos da concepção de *configurações sociais*, propostas por Norbert Elias (Elias 2018, 2001; Salumets 2001) e da noção de *campo social* desenvolvida por Pierre Bourdieu (2004, 2021). A **Figura 1** mostra a representação de Elias da sociedade organizada em teias de interdependência que ganham determinadas configurações articuladas por relações de poder relativamente instáveis. Nestas, as forças sociais não são entes externos e abstratos, mas forças exercidas pelas pessoas sobre outras pessoas e sobre elas próprias (2008, 17).

Figura 1 – Representação de Norbert Elias de indivíduos interdependentes (“família”, “estado”, “grupo”, “sociedade”, etc.)



Fonte: Elias 2008, 14.

Partimos desta compreensão das configurações para “tipificar relacionalmente” (Rodrigues 2021) o que chamamos de *célula básica*, contextualizada pela noção de campo social. A proximidade teórica entre Elias e Bourdieu já foi ressaltada por diversos pesquisadores. Destaca-se em ambas as abordagens a centralidade do caráter relacional e sócio-histórico de suas análises (Manzo 2010; Paille, van Heerikhuizen e Emirbayer 2012; De Grande 2013; Setton 2018).

O campo social equivale a um espaço socialmente constituído e marcado pela competição entre seus membros. Neste, há grandes divisões (*nomos*) que orientam os agentes em disputa por posições dominantes. Há também uma variedade de premiações (*illusio*) e moedas (capitais), por meio das quais os envolvidos desenvolvem estratégias para manter ou ascender em suas posições sociais. A posição dos agentes é sempre relativa aos demais e ao campo social em questão. O conceito central que articula a ideia de campo social é *habitus*. Tal conceito permite interpretar como os agentes incorporam o campo social em suas formas de ser e em suas performances na vida cotidiana (Bourdieu 2004, 2021; Hilgers e Mangez 2015; Catani *et ali* 2017).

Sobre os procedimentos da investigação empírica, realizamos pesquisas em campo, nos valendo de recursos da *observação participante*, como caderno de campo, registros multimídia e convivência junto aos agentes em diversas situações, como, por exemplo, seu ambiente doméstico e momentos de lazer (Peirano 2008; Weber 2009; Zenobi 2010). Não foi possível, no entanto, realizar observações participantes *stricto sensu*, uma vez que parte das atividades dos agentes pesquisados são ilegais, de difícil acesso ou perigosas. Assim, recorreremos também a entrevistas abertas e semiestruturadas.

Quadro 1 – Pseudônimos e perfil das pessoas entrevistadas

- **Barbosa**, 59 anos, paraibano, possui mais de 20 anos de experiência como garimpeiro. Atuou em garimpos de ouro na República da Guiana, Guiana Francesa, Venezuela e na TIY. Realizou-se entrevista semiestruturada, gravada, em junho de 2023.
- **Dirce**, 48 anos, paulista, atua em garimpos a mais de 20 anos. Trabalhou em frentes de garimpagem na Venezuela e na TIY. Ocupou diversas funções, comerciando, atendendo em cantinas, como cozinheira, e, por fim, como sócia de máquinas (minerando ouro e cassiterita). Foram realizadas duas entrevistas abertas, em junho de 2020 e novembro de 2022, e foi mantido o contato com Dirce por mais três anos.
- **Emerson**, 33 anos, maranhense, família de garimpeiros, entrou na atividade na adolescência. Possui experiência em diferentes modalidades de garimpo de ouro, trabalhou no Mato Grosso, Pará e na TIY. Foi realizada entrevista semiestruturada, gravada, em maio de 2023.
- **João**, 27 anos, roraimense e trabalha como garimpeiro desde 2015. Possui experiência TIY (Venezuela e Brasil). Entrevista aberta, gravada, em agosto de 2022.
- **Maria**, 33 anos, roraimense, foi vítima de tráfico de pessoas para trabalhar como prostituta em garimpos da República das Guianas aos 18 anos. Atuou em prostíbulos para garimpeiros na cidade de Boa Vista. Recentemente atuou como cozinheira na TIY. Foi entrevistada, em agosto de 2021 e foi mantido o contato com a entrevistada por aproximadamente dois anos.

As estratégias adotadas para iniciar uma frente de trabalho pelos agentes no campo social da garimpagem dependem de fatores como características geográficas e geológicas, minérios visados, financiamento e tecnologia disponíveis. Neste trabalho, vamos nos limitar a abordar a mineração aluvionar mecanizada, que é a mais encontrada na TIY. Sua simplicidade técnica e eficiência permitem que diferentes perfis de investidores utilizem o chamado “par de máquinas”¹ e agentes com pouca qualificação para iniciar o empreendimento. Trataremos apenas da garimpagem que visa encontrar ouro, a configuração mais comum na região.

Quando nos referimos, neste trabalho, ao *garimpo* e à *garimpagem* estamos lidando com suas concepções nativas, que devem ser problematizadas, mas servem, neste caso, como ponto de partida ao diálogo interdisciplinar. Do ponto de vista jurídico, trata-se de mineração ilegal, que podem variar desde formas semimecanizadas realizada com baixos custos até os grandes empreendimentos que envolvem retroscavadeiras, helicópteros e aviões. Além disso, em nossa interpretação, mobilizamos a noção de frentes de garimpagem, como uma modalidade das *frentes pioneiras* e *fronteiras*, acompanhando importantes reflexões sobre a formação sócio-histórica da Amazônia (Martins 2009; Chagas 2015; Ribeiro 2017).

Neste contexto, o domínio e governança da terra é um fator de diferenciação entre os agentes.² Mesmo para regiões onde há mineração legalizada, como no Pará, a propriedade da terra não é atrativa. Trata-se de uma atividade extrativa não renovável, portanto, o espaço será abandonado após a retirada do minério. O domínio do território é, em última instância, baseado na violência armada, devido à ausência de contratos formais assegurados pelo Estado. Não é incomum a presença de armas para a proteção pessoal, para a caça e para a manutenção da posse da terra enquanto durar aquela empreitada específica.

É importante também diferenciar três setores econômicos que estruturam as frentes de garimpagem: produtivo, serviços e financeiro. O primeiro será explorado ao longo do artigo, a seguir apresentamos algumas características gerais dos demais setores.

A dificuldade de acesso e os altos custos para estabelecer e manter as diversas dinâmicas exploratórias tornam a estrutura logística e a comercialização de produtos dentro do território um elemento central no processo de acumulação de excedentes na TIY. Os agentes do setor de serviços possuem diferentes habilidades e perfis, e sua atuação contribui para o funcionamento eficiente e produtivo das frentes de garimpagem. Os principais serviços prestados são os seguintes:

¹ Trata-se de duas bombas de sucção: a primeira é utilizada para extrair água de um corpo hídrico disponível para jateamento, enquanto a segunda é empregada para extrair a lama contendo ouro.

² Convém lembrar que a Terra Indígena Yanomami é considerada um bem público da União, tendo o Estado brasileiro como proprietário, mas é dedicada exclusivamente ao usufruto dos povos indígenas que ali habitam. Ver Constituição Federal e a Lei n. 6001/73.

- a) Transporte: envolve modalidades terrestres, da cidade até as pistas ou portos, aéreas, entre pistas dentro e fora da TIY, e fluviais.
- b) Fornecedores de equipamentos e assistência técnica: fornecem equipamentos e serviços dentro e fora da TIY, além de suprimentos necessários para as atividades produtivas.
- c) Serviços de telecomunicação: disponibilizam sistemas de telecomunicação baseados em satélites, que são essenciais para manter a comunicação em regiões remotas.
- d) Mercado do sexo: envolve não apenas a constituição de espaços como corruelas e cabarés, mas o aliciamento de mulheres na cidade, vicinais e comunidades para atuarem nessa atividade.
- e) Serviços de segurança: geralmente presentes em áreas que produzem grandes quantidades de ouro, visam garantir a segurança dos locais de extração e processamento do minério.

Iniciar uma nova área de garimpagem geralmente envolve altos custos. Mesmo que o “empreendedor” seja um garimpeiro experiente, que estabeleça por iniciativa própria uma área de garimpagem, ele precisará de maquinário e pessoal para explorar o veio de ouro. Normalmente, a aquisição do maquinário, insumos (principalmente óleo diesel) e contratação de trabalhadores requer financiamento, muitas vezes através de investidores que se tornam sócios na mineração ilegal.

Há pessoas que recorrem a empréstimos de familiares, de agiotas, ou estabelecem parcerias com outros “donos” de áreas entre outras estratégias disponíveis. Os financiadores podem ser comerciantes locais, produtores rurais, políticos, servidores públicos, proprietários de “corruelas” e outros estabelecimentos relacionados ao contexto da garimpagem. Portanto, é comum que exista uma interconexão entre os produtores, financiadores, comerciantes e operadores logísticos.

2. Domínio do território e instalações iniciais

A configuração de uma célula de exploração começa com a prospecção em busca de uma área com potencial de mineração, etapa que geralmente envolve duas ou três pessoas. Essa etapa é a mais artesanal, mas muitas pessoas utilizam detectores de metais. O prospector costuma estar abastecido de arma e munições, farinha, sal e charque, além de instrumentos como peula,³ cuia e bateia, todos armazenados dentro do jamanxin.⁴ Com base em sua experiência e habilidade técnica para identificar configurações propícias à presença de ouro, eles abrem o que chamam de “prancheta”: uma cova com aproximadamente 2 m × 2 m, e retiram amostras de minério.⁵

³ Trata-se de uma enxada específica para retirar barro.

⁴ Cesto indígena, feito de cipó, que apoia o peso na cabeça e facilita a locomoção de cargas na mata.

⁵ Sobre estes e outros aspectos mais comuns da garimpagem na Amazônia, ver Cleary 1992; MacMillan 1993; Veiga, Silva e Hilton 2002; Rodrigues 2017; Bandeira Junior 2019.

Conforme relatado em entrevistas, alguns exploradores realizam a prospecção por conta própria, mas na maioria das vezes são contratados por empresários. Segundo Barbosa:

As pessoas que fazem a prospecção muitas vezes são os mesmos que trabalham no barranco, às vezes são pessoas que têm a função só de procurar mesmo, que são os exploradores pagos só para explorar, às vezes é o gerente que sai para procurar terras, às vezes quem acha é o próprio dono das máquinas quando ele mesmo sai para caçar terra e também acontece de ser qualquer outro garimpeiro que sai na mata adentro procurando terra que tem ouro e muitas vezes dá sorte e acha (Barbosa, junho de 2023).

Após identificar uma área potencial, os exploradores cavam buracos em diferentes pontos para coletar amostras. Em seguida, realizam o “processo de bateção” para determinar se o material das amostras contém ouro e também avaliam a qualidade desse ouro.⁶ Após a fase de prospecção, inicia-se a negociação do local. Essa etapa envolve interações complexas e negociações que podem variar dependendo das circunstâncias e das partes envolvidas. Os garimpeiros relatam que essa negociação geralmente envolve indígenas e outros mineradores que já estão presentes na região. Nesse processo, aspectos como a delimitação do território, acordos financeiros e condições de trabalho são discutidos e estabelecidos. Barbosa relatou: “Aqui, nessas terras indígenas que andei, o cabra chega, achou a grota,⁷ ele é o dono. Aqui é ‘boca loca’, o cara achou a grota ele é o dono”. E continua:

Depois que você acha uma grota dessas, pode aparecer outro garimpeiro e pedir para comprar um pedaço da terra. Aí você vende para ele, mede um pedaço ali e negocia o preço. Pode ser umas 200g, 300g de ouro, dependendo do tanto de ouro que tem naquela terra. Ou então, quem achou a grota pode dizer: eu te dou um pedaço dessa terra, mas depois que você tirar o barranco, você me dá [a cada determinado período] 200g, 300g, 1kg de ouro, dependendo da combinação. Aí varia muito. Tem a comissão e tem vendido mesmo (Barbosa, junho de 2023).

Essa afirmação da livre posse é uma característica atrativa a muitos agentes que resolvem invadir as Terras Indígenas. Emerson, por outro lado, destacou a necessidade de negociar que ocorre em muitas situações:

Mesmo que o dono das máquinas pague para fazer a sondagem e descobrir o melhor local para fazer a “boca de serviço”, aquela terra já tem um dono. Aí, esse dono vai querer uma porcentagem da boca de serviço daquela área, a porcentagem que eles geralmente cobram é cerca de 10%. E quem paga essa porcentagem é o dono do barranco, no caso, o dono das máquinas. E geralmente quem é dono daquelas terras costuma ficar por ali mesmo, andando pela área. Porque eles têm que esperar os caras mandar [ou seja, trabalharem] para saber a quantia exata que devem receber. [...] Hoje em dia, os garimpeiros costumam trabalhar mais em áreas indígenas, e é aí que entra a negociação com os índios. Eles pagam esses 10% para os índios ou combinam de pagar com rancho, mantimentos, comida, roupas ou alguma coisa assim (Emerson, maio de 2023).

A necessidade de “negociar” com lideranças indígenas é frequentemente mencionada pelos garimpeiros. Pesquisadores e organizações indígenas denunciam este processo como um aliciamento

⁶ Bateção ou batear é a ação de usar a bateia, realizando-se movimentos circulares e acrescentando água, com o objetivo de separar o ouro dos demais materiais.

⁷ Formação geológica que os garimpeiros compreendem como típica para exploração mineral.

às comunidades, que envolve a oferta de álcool e armas. Esse fenômeno é extremamente difícil de controlar e pode resultar em uma série de problemas políticos dentro das comunidades indígenas, além de causar impactos diretos na economia tradicional e na saúde dessas comunidades (Ramos, Lazarin e Gomez 1985; Albert 1995; Albert e Ramos 2002; Kopenawa e Albert 2015; Hutukara 2022).

Instalação da Frente de Trabalho

O transporte adequado dos equipamentos necessários – como motores, bombas, ferramentas, insumos e mantimentos – e dos próprios garimpeiros é essencial para o funcionamento das frentes de garimpagem. Diversos tipos de veículos são utilizados para esse fim, tais como caminhonetes, pequenas embarcações, aviões e helicópteros. João descreveu o início de sua jornada até o garimpo: “Para entrar, [...] o cara que eu estava trabalhando para ele veio me buscar. Aí fomos para uma fazenda e de lá nós pegamos um helicóptero e rodamos uma hora e quarenta até chegar lá dentro. Para esse lugar que eu estava não dá para ir de barco não, só chega lá de avião ou helicóptero” (João, agosto de 2022).

Barbosa relata que o proprietário das máquinas adquire os materiais em Boa Vista. As equipes das lojas entregam os materiais em locais como fazendas, margens de rios ou pistas de pouso. A partir desses pontos, o transporte é feito por meio de canoas ou aviões. Na área de exploração, o transporte dos equipamentos é realizado pelo pessoal com quadriciclos. Quando não há este recurso, os pesados motores são carregados manualmente com o auxílio de varas, utilizando uma técnica conhecida como “aviãozinho de madeira”.

Figura 2 – Representação do início da perfuração de um barranco

Primeiras horas de perfuração



Terceiro dia de perfuração



Fonte: Composição própria por meio de vídeos disponíveis em redes sociais. Realizamos seleção de frames e recursos de edição de imagens.

Nessa dinâmica, as mesmas pessoas recrutadas para realizar a garimpagem são responsáveis pela organização da área. Além de carregarem os materiais, eles também retiram madeira das matas para construir o acampamento e outras instalações, como a caixaria para separação do minério. Esses agentes têm familiaridade com o uso de serras elétricas e muitos tem boas noções para manutenção do maquinário.

Antes de transportar os motores, é preciso levar os itens básicos, como lonas, fogões e materiais essenciais para montar a cozinha onde os garimpeiros farão suas refeições. Em seguida, realizam a limpeza da área, preparando-a para a instalação da cozinha, dos barracos para hospedagem e, eventualmente, da clareira para pouso de aeronaves. Os motores são transportados e deixados próximos ao barraco ou próximo ao local onde será feito o barranco.

Após essa fase, os agentes da garimpagem iniciam a etapa de limpeza do local onde o barranco será realizado. Começam pela roçagem da vegetação, depois derrubam as árvores e, em seguida, fazem uma limpeza completa, deixando a área totalmente desobstruída, conforme a **Figura 2**, para o início da perfuração. Geralmente, esta área tem formato quadrado, com dimensões de 30 m × 30 m. Após concluir a limpeza, os garimpeiros criam uma “vereda”, um caminho do barracão até a frente de mineração.

Depois que foi feita a limpeza, instalamos os motores e deixamos tudo pronto, tudo bem acoplado, tudo no jeito, com as caixas levantadas e as tubulações instaladas, tudo certinho. Aí ligamos os motores e o serviço começa. Na primeira fase do serviço, para começar o barranco, o jateiro vai iniciar fazendo uma perfuração com o jato, criando um buraco parecido com uma bacia de água. Em seguida, ele afunda o jato para poder colocar a maraca dentro. Depois de colocar a maraca, podemos dizer que o serviço no barranco começou (Emerson, maio de 2023).

O cotidiano dessas pessoas na selva é marcado por desafios e exigências que vão para além das atividades de extração de minérios. Existem questões ligadas à segurança e à saúde que se refletem no chamado “kit básico do garimpeiro”. Esses itens são considerados fundamentais para garantir a proteção individual e a eficiência nas tarefas desempenhadas. Parte essencial do kit é uma bota de borracha, calça e camisa de manga comprida. Outro item indispensável é uma lona e a rede, pois cada garimpeiro precisa construir seu barraco que às vezes se limita a uma lona em formato de telhado, apoiada em uma corda, sobre a rede. Também é necessário levar medicamentos para malária e picadas de cobra. O facão é a ferramenta que todo garimpeiro deve ter. Após a conclusão da instalação da estrutura de trabalho, inicia-se a escavação do barranco e a extração do minério.

3. Configuração social e o campo social da garimpagem

A equipe responsável pela escavação do barranco geralmente é composta por seis pessoas e um par de máquinas. Esse par de máquinas consiste em dois motores: um para a função de jato e outro para a de maraca. Um motor está equipado com dois bicos (ou mais) de metal que lançam jatos de água com alta pressão para perfurar o solo. Essa ação tem como objetivo amolecer o barro, transformando-o em lama que é depositada em uma poça onde se encontra a maraca – uma grade de metal que atua como filtro, impedindo que grandes pedaços de pedra ou madeira entrem na mangueira de sucção. O motor da maraca tem a função de sugar a lama e bombeá-la até a caixaria por meio de um sistema de tubulações. Na caixaria, equipamento fabricado pelos próprios garimpeiros, ocorre a primeira separação entre a lama e o ouro.

Nomos: entre mansos, bravos e as mulheres

A noção de *nomos* representa um princípio de visão e divisão constitutiva de um campo social. Essas leis fundamentais aceitas como evidentes na lógica de funcionamento desse campo e diferenciam o que pode ser realizado (e pensado) pelos diferentes agentes envolvidos (Catani, *et al.* 2017, 281). No campo da garimpagem ilegal na Amazônia, uma das divisões constitutivas é a distinção entre *mansos* e *bravos*.

Figura 3 – Primeiras horas de perfuração, destaque aos “garimpeiros mansos”



Fonte: Composição própria por meio de vídeo disponível em redes sociais. Realizamos seleção de frames e recursos de edição de imagens.

Os garimpeiros *mansos* são aqueles que corporificaram as demandas típicas da garimpagem, e são capazes de realizar praticamente todas as tarefas fundamentais relacionadas ao trabalho. É necessária mais experiência, por exemplo, para lidar com o jato de água e com a maraca. A força do jato é tão intensa que, se a mangueira escapar das mãos do operador, pode causar sérios ferimentos e até mesmo a morte das pessoas ao redor. Se o operador não tiver a prática adequada, pode haver desmoronamentos, e as pessoas que estão realizando a limpeza da área e sugando a lama correm o risco de serem soterradas.

Os *bravos* desempenham tarefas mais simples e auxiliares, como transportar mangueiras para ajudar a função do jateiro, verificar o nível de combustível dos motores e remover detritos que possam comprometer o funcionamento da maraca. Na prática, todos acabam realizando diversas tarefas. O resultado da exploração, excluindo a parte do dono, é dividido igualmente entre os garimpeiros. No entanto, os *mansos* tendem a ter um prestígio maior entre seus colegas. Eles estão consolidados dentro do campo social, embora ocupem uma posição subordinada em relação ao gerente e aos donos.

Outro *nomos* típico no campo social da garimpagem ilegal é a divisão sexual. Apesar do estigma de que as mulheres que atuam nas frentes de garimpagem são necessariamente submetidas à prostituição, elas desempenham várias funções, como cozinheiras, comerciantes, cafetinas e “donas de garimpo”. Existem relatos de mulheres que trabalham diretamente na extração do minério, mas esses casos são menos frequentes. No entanto, é inegável a dominação masculina no campo da garimpagem amazônica, conforme destacado por Bandeira Júnior, que estudou o tema no Pará, onde a presença das mulheres nas frentes de trabalho é amplamente rejeitada: “Garimpeiro não aceita mulher na beira do barranco nem com o cão. No garimpo mulher é rapariga ou cozinheira” (Carlos Matos *apud* Bandeira Júnior 2019, 86).

No entanto, é mais comum do que geralmente se imagina a presença de mulheres “empreendedoras” que investem em atividades vinculadas à mineração ilegal. Mesmo assim, o ambiente da garimpagem continua sendo regido pela dominação masculina e as mulheres tendem a ser vítimas de uma série de violências. Há relatos de mulheres que sofreram estupros coletivos ou foram traficadas entre garimpos no Brasil, República da Guiana, Venezuela e Suriname, que tiveram sua liberdade cerceada entre outras situações de violências extremas (Maria, em agosto de 2021; Valerio 2021).

Funções típicas na frente de trabalho

O trabalho do jateiro exige habilidade e destreza para conduzir o material escavado. Segundo João, o jateiro é quem gera dinâmica ao trabalho, “ele faz a coisa andar”, se souber direcionar adequadamente a água. Dominar o manejo do jato, portanto, é fundamental para realizar um serviço de qualidade e garantir a segurança de todos no barranco. A função de maraqueiro também exige experiência. Enquanto o jateiro empurra a terra com o jato de água, o maraqueiro recebe essa terra e a direciona para a caixa. Segundo Barbosa, que já atuou como gerente e desempenha a função:

O maraqueiro é responsável pelo motor da maraca, ele tem que ficar verificando o nível de óleo, se o motor está esquentando. De manhã cedo ele vai e corrige o óleo corrige a água, aí funciona o motor, bate a água. Se o maraqueiro for ruim não desenrola o serviço, o jateiro manda e o maraqueiro recebe, então o maraqueiro tem que passar aquela terra controlada sem deixa nada engatar na maraca. Maraqueiro ruim é a pior coisa que tem no garimpo. O maraqueiro é que nem um goleiro (Barbosa, junho de 2023).

De acordo com Emerson, se uma pessoa sem experiência trabalhar nessa função há riscos de ferimentos. A maraca pode puxar o pé, o dedo ou qualquer parte do corpo da pessoa, além de causar ferimentos nas pernas ou nos braços devido a pedras, paus ou outros destroços que possam ser sugados.

Os “catarinos” ou “raizeiros”, garimpeiros bravos, são os responsáveis por coletar pedras e raízes. Em geral, eles trabalham em colaboração com os jateiros, auxiliando-os e movimentando a mangueira do jato. Eles removem os materiais que não foram dissolvidos pelo jato de água e ajudam a dissolver o barro quebrando os pedaços com a picareta (João, agosto de 2022). O maior desafio para os iniciantes é conseguir uma boa vaga nas frentes de trabalho. Os patrões preferem contratar pessoas com experiência, pois uma equipe de garimpeiros mansos torna o trabalho mais eficiente para todos. Emerson ressalta que, na maioria dos casos, os mansos estão dispostos a ensinar e orientar os bravos, ajudando-os a aprender o trabalho e se tornarem proficientes na função. Embora haja uma divisão de tarefas entre mansos e bravos, é perceptível a interação e o aprendizado mútuo entre os garimpeiros, evidenciando a importância da reprodução das categorias mentais e habilidades físicas necessárias no contexto do garimpo de barranco.

O papel desempenhado pelo gerente é coordenar e supervisionar as atividades. Como líder da equipe, sua responsabilidade é garantir a eficiência na realização das tarefas. Conforme relatado por João, durante o processo de escavação do barranco, o gerente frequentemente coleta amostras do material presente no local, usando a cuia de garimpeiro, e realiza testes para verificar a presença de ouro. Além disso, cabe ao gerente controlar os insumos necessários para o funcionamento das máquinas e estabelecer a comunicação com o dono do barranco quando este estiver na cidade.

A porcentagem recebida pelo gerente é distinta da dos demais garimpeiros, sendo paga diretamente pelo empregador e sujeita a acordos específicos. Na maioria dos casos, o gerente exerce

uma dupla função, tanto atuando como gestor, sendo remunerado por um valor fixo, como participando da lavra e dividindo os resultados com os demais. A principal diferença é o prestígio junto ao dono e a função de liderança perante os demais. Em alguns casos, relata-se que apenas ao gerente é permitido usar armas, por exemplo.

A função típica das mulheres em uma célula básica envolve o preparo das refeições, a manutenção da limpeza e organização da “cozinha” (geralmente um barraco), o gerenciamento dos estoques de alimentos, a limpeza das roupas (cada garimpeiro paga pelo serviço à parte) e o cuidado geral dos afazeres relacionados a esse espaço vital no garimpo. Eventualmente, essa cozinheira pode se prostituir ou “casar” com um garimpeiro. Nos relatos das mulheres envolvidas no garimpo, fica evidente que é comum as mulheres buscarem a proteção de um homem como estratégia para diminuir a violência contra elas. Em geral, a relação da cozinheira com o grupo depende muito da configuração deste, mas tipicamente elas estão sujeitas a violências físicas e simbólicas, como é possível inferir das vivências e discursos de Dirce e Maria ao longo dos anos de contato.

Diferente dos trabalhadores da lavra, o pagamento da cozinheira é fixo e pode variar entre oito e dez gramas por semana. Essa garantia de recebimento, no entanto, pode mudar sem prévio aviso. Como no caso de Maria, que foi convidada para trabalhar como cozinheira por oito gramas semanais. Ao chegar no local, o empregador disse que o negócio estava fraco e que ela receberia por porcentagem. Outras desculpas foram inventadas, a garota não era paga, e era constantemente aliciada para se prostituir e assim conseguir obter algum pagamento.

Pautados no gráfico proposto por Norbert Elias e na noção de campo elaboramos a seguinte representação da configuração social da célula básica de garimpagem de aluvial:

Figura 3 – configuração da célula básica de produção de ouro na TI Yanomami

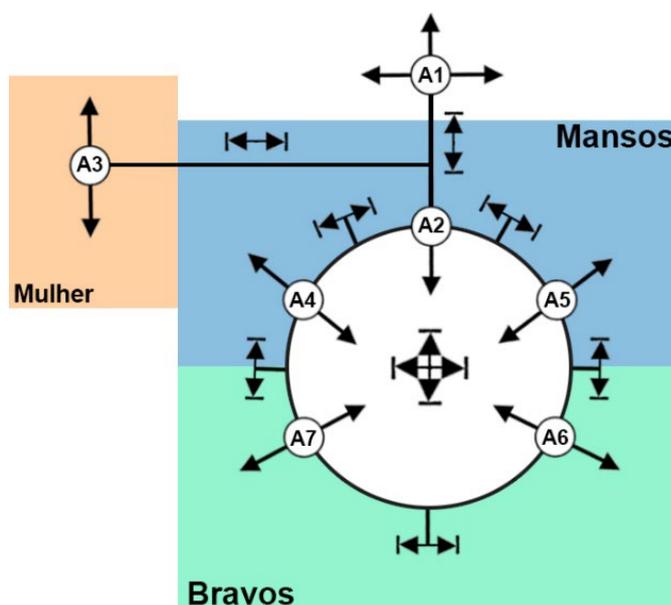


Tabela 1 – Funções e descrição dos agentes da célula básica de produção de ouro na TIY

Cód.	Função	Divisão financeira	Descrição
A1	Empresário	70%	O empresário ou financiador pode também suprimir a função do gerente. Em diversos casos os investidores e empreendedores não estão presentes nas frentes de garimpagem.
A2	Gerente	10 gramas + 5%	É o responsável pelo andamento do trabalho na célula de trabalho. Ele quem conduz o resumo do ouro na ausência do patrão. Em muitos casos é quem tem ou permite o acesso a armas.
A3	Cozinheira	Entre 6 e 15 gramas	Ganha um valor fixo. Em alguns casos também trabalham como prostitutas ou fazem acordos de “casamento” para atender apenas a um agente. Há casos em que a cozinheira é esposa do empresário.
A4	Maraqueiro	5%	Pessoa especializada em manusear a maraca, uma grade que suga a lama. Geralmente conhece todo tipo de trabalho das frentes de garimpagem.
A5	Jateiro	5%	Pessoa especializada em manusear o jato de água. Geralmente conhece todo tipo de trabalho das frentes de garimpagem.
A6 e A7	Raizeiro	5%	Pessoa nova na garimpagem, funções de auxiliar/aprendiz.

Segundo Barbosa, para viabilizar a manutenção de uma célula de garimpo o mínimo necessário seria 300 gramas de ouro por semana, mas estes valores podem variar muito de acordo com uma série de situações. Na última frente de trabalho em que participou, o entrevistado afirma que eram retiradas, em média, 250 gramas, a menor produção entre as quatro frentes de trabalho que o dono possuía dentro da TIY. Neste caso, o dono manteve a frente em funcionamento na esperança de atingir maiores ganhos. Se uma frente de trabalho estiver muito fraca os trabalhadores rompem o acordo com o dono (largando o trabalho sem avisar, por exemplo) e procuram outras frentes de serviço mais rentáveis.

Bater os tapetes

Ao final de um período de atividade, é necessário fazer a “bateção de tapetes”.⁸ Nesse processo, os garimpeiros depositam o material resultante da batida de tapetes em um balde e vão acumulando até concluir a etapa. Geralmente, realiza-se a atividade de bater os tapetes após uma semana de envio contínuo de material com ouro para a caixa. De acordo com João, a frequência da apuração varia conforme o acordo estabelecido entre a equipe. Em sua experiência, ele costumava realizar a contagem semanalmente, geralmente aos finais de semana, para avaliar os resultados. Segundo Emerson, nos locais onde ocorrem muitos roubos, eles realizam a atividade de bater os tapetes a cada dois dias.

O ouro resultante desse tipo de extração em baixões é, muitas vezes, um pó fino, e é necessário recorrer à utilização de mercúrio (também conhecido como azougue) para separá-lo dos demais resíduos. Após essa etapa, remove-se o excesso de terra e as impurezas, permanecendo apenas o ouro amalgamado ao mercúrio. Em seguida, a mistura passa por um processo de aquecimento com um maçarico, fazendo com que o mercúrio evapore. A quantidade de mercúrio a ser utilizada varia de acordo com a quantidade de ouro, sua qualidade e outros atributos que geralmente são conhecidos pelos trabalhadores experientes.

Quando não há um gerente presente, o proprietário da máquina nomeia um líder para supervisionar e liderar o trabalho. No dia do pagamento, na ausência do proprietário, o gerente é responsável por pesar, calcular a porcentagem dos garimpeiros, sua própria porcentagem e o restante pertencente ao dono. Na maioria das vezes, o proprietário das máquinas está presente nessas ocasiões. Já quando a terra tem “um dono”, esse muitas vezes está presente nessas ocasiões para garantir sua porcentagem referente à terra (Emerson, maio de 2023).

Ao término da apuração, 30% do total é dividido igualmente entre os trabalhadores mansos e bravos. O dono do barranco fica com os outros 70% do total apurado e é responsável por arcar com os pagamentos destinados ao gerente e à cozinheira. No último acordo de Emerson, coube ao dono custear todas as despesas de alimentação dos garimpeiros, transporte dos mantimentos, transporte dos equipamentos e todas as operações relacionadas ao funcionamento das máquinas utilizadas na boca de serviço, bem como tudo relacionado ao processo de extração do ouro. Na maioria das vezes, o dono não arca com os custos da alimentação e transporte dos garimpeiros, e estes custos podem ser relevantes nas relações de dominação e controle do “empresário” sobre o “trabalhador”.

Segundo João, se a desconfiança está presente durante todo o processo de extração do ouro, esta cresce durante o momento da “despescagem”, quando ocorre a separação do ouro. Existe o receio

⁸ Tapetes são colocados na passagem da lama enviada pela maraca. Devido à maior densidade do ouro, ele tende a se depositar nesses tapetes. Bater os tapetes consiste exatamente em resgatar esse ouro acumulado ao longo de horas ou dias.

de traição por parte dos envolvidos. Muitas vezes as pessoas que estão trabalhando não se conhecem, e é comum a presença de pessoas violentas e armadas. Assim, é necessário desenvolver estratégias para esconder o ouro (João, agosto de 2022). Outro momento de tensão e medo ocorre durante o retorno dos garimpeiros à cidade. A meta de todos eles é voltar “bamburrado”, ou seja, com uma quantidade significativa de ouro e capitais simbólicos e culturais, o oposto de “brefado”, “sem nada”, “fracassado”, “desprovido de graça”, etc. Essa busca por retornar com sucesso entendemos por *illusio*, em outras palavras, aquilo que motiva a participação, fazendo com que todos estejam envolvidos e levem a atividade a sério (Catani, *et al.* 2017, 231–233).

Além do retorno financeiro, a noção de *illusio* reforça a crença envolvida nessa atividade. A garimpagem não deixa de ser uma aposta, e os envolvidos por vezes mostram sinais de vício. Após o então candidato eleito, Lula da Silva, anunciar que seu governo daria prioridade ao combate ao garimpo, em novembro de 2022, ao invés de os garimpeiros começarem a se retirar ou, ao menos, diminuírem as atividades, ocorreu o contrário. Houve, entre novembro de 2022 e fevereiro de 2023, uma intensificação dos investimentos por parte de muitos dos envolvidos. Dirce, por exemplo, realizou um empréstimo com agiota, usando sua própria casa como garantia, apostando que conseguiria extrair entre dois a três quilos de ouro antes do “fechamento” do garimpo. Meses depois, já no contexto da desintração, recebemos a notícia de que a experiente dona de máquinas perdeu o imóvel. No entanto, isso não a desanimou, pois voltou à garimpagem.

4. Considerações finais

Embora existam variações, essa configuração básica pode ser observada em diversos modelos de negócios desenvolvidos por grandes e pequenos investidores dentro da TIY. Por exemplo, uma célula inicial pode se transformar em um condomínio de células, ou um conjunto de condomínios e células soltas podem ser articulados por uma corrutela com porto e/ou aeroporto, assim como o conjunto de portos e aeroportos articula um ecossistema de exploração relativamente autônomo com diversas frentes de garimpagem, como ocorre na Terra Indígena Yanomami.

A compreensão de que se trata de um campo social baseia-se nas evidências de que os diferentes “ecossistemas” presentes em diversos estados da Amazônia legal, e até mesmo em outros países, possuem *habitus*, *nomos* e *illusio* comuns. Uma das características dos garimpeiros bravos é serem nômades em busca pelo ouro por toda a Amazônia. Ou seja, é a performance dos agentes, em diferentes contextos, que permite a acumulação de capital simbólico e cultural, diferenciado o garimpeiro bravo do manso e reproduzindo a atividade em toda a Região Norte do país. Os relacionamentos que emergem dessas práticas são fundamentais para encontrar boas oportunidades

de trabalho e até mesmo obter financiamento para alcançar a desejada posição de dono de garimpo “bamburrado”.

5. Referências Bibliográficas

- ALBERT, B. *O ouro canibal e a queda do céu*. Série Antropologia nº 174. Brasília: UNB, 1995.
- ALBERT, B. e RAMOS, A. R. *Pacificando o branco*. São Paulo: UNESP, 2002.
- BANDEIRA JÚNIOR, C. D. M. *Em busca do bamburro*. Santarém: UFOPA, dissertação, 2019.
- BOURDIEU, P. *Coisas ditas*. São Paulo: Brasiliense, 2004.
- _____. *Sociologia Geral*, vol.2. Petrópolis: Vozes, 2021.
- CHAGAS, R. P. Octavio Ianni, ditadura militar e a Amazônia. *Textos e Debates*, [S. l.], v. 1, n. 25, 2015.
- CATANI, A. M. et al. *Vocabulário Bourdieu*. Belo Horizonte: Autêntica, 2017.
- CLEARY, D. *A garimpagem de ouro na Amazônia*. Rio de Janeiro: UFRJ, 1992.
- DE GRANDE, P. Aportes de Norbert Elias, Erving Goffman y Pierre Bourdieu al estudio de las redes personales. *Andamios*, Vol. 10, n. 22, México, maio-agosto, 2013.
- ELIAS, N. *Introdução à sociologia*. Lisboa: Edição 70, 2018.
- _____. *A sociedade de Corte*. Rio de Janeiro: Zahar, 2001.
- HILGERS, M. e MANGEZ, E. *Bourdieu's Theory of Social Fields*. New York: Routledge, 2014.
- HUTUKARA ASSOCIAÇÃO YANOMAMI. *Yanomami sob ataque*. Boa Vista: Hutukara e Wanasseduume Ye'kwan, 2022.
- KOPENAWA, D.; ALBERT, B. *A queda do céu*. São Paulo: Cia das Letras, 2015.
- MARTINS, J. *Fronteira*. São Paulo: Contexto, 2009.
- MACMILLAN, G. J. *Gold Mining and land-use change in the Brazilian Amazon*. Edninburgh: University of Edinburgh, tese, 1993.
- PAULLE, B.; VAN HEERIKHIZEN, B.; EMIRBAYER, M. Elias and Bourdieu. *Journal of Classical Sociology*. Vol. 12, n. 1, 2012.
- PEIRANO, M. Etnografia, ou a teoria vivida. *Ponto Urbe*, n.2, 2008.
- RAMOS, A. R.; LAZARIN, M. A. e GOMEZ, G. G. *Yanomami em tempo de ouro*. Série Antropologia nº 51. Brasília: UNB, 1985.
- RIBEIRO, D. *Índios e a civilização*. São Paulo: Global, 2017.
- RODRIGUES, D. S. R. A teoria da prática de Pierre Bourdieu à luz da noção weberiana de tipo ideal. *Revista Inter-Legere*, Vol. 4, n. 30, abr., 2021.
- RODRIGUES, F. *Garimpagem e mineração*. Manaus: EDUA, 2017.

- SALUMETS, T. *Norbert Elias and human interdependencies*. Québec: MacGill-Queen's, 2001.
- SETTON, M. G. J. Socialização de *habitus*. *Revista Brasileira De Educação*, n. 23, 2018.
- VALERIO, J. *Contexto migratório e feminização das migrações em Roraima*. Boa Vista: UFRR, TCC, 2021.
- VEIGA, M. M.; SILVA, A. R. B. e HINTON, J. J. O garimpo de ouro na Amazônia. In: EMERY-TRINDADE, R. e BARBOSA-FILHO, O. *Extração de ouro*. Rio de Janeiro: CETEM/MCT, 2002.
- WEBER, F. A entrevista, a pesquisa e o íntimo, ou por que censurar seu diário de campo? *Horizontes Antropológicos*, Vol. 15, 2009.
- ZENOBI, D. O antropólogo como “espião”. *Mana*, Vol. 16 n. 2, 2010.

Artigo submetido em 24/08/2023, aceito em 18/11/2023 e publicado em 10/12/2023.